

## A HISTÓRIA DAS CRIANÇAS QUE PLANTARAM UM RIO: A PERSONIFICAÇÃO DO RIO EM UMA HISTÓRIA DE ÁGUAS E SONHOS

### THE CHILDREN'S STORY WHO PLANTED A RIVER: THE PERSONIFICATION OF RIVER IN WATER'S STORY AND DREAMS

Lucimara de Almeida Melém da Costa<sup>1</sup>  
Marco Antônio da Costa Camelo<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo objetiva analisar as diversas representações do rio na narrativa tema da obra “*As crianças que plantaram um rio*” de Daniel da Rocha Leite. Dessa forma, fazemos um breve percurso na primeira parte na narrativa, a qual é dividida em duas planificações, destacando as memórias do narrador personagem, a figura de sua avó, e a paisagem onde se passa a narrativa; para enfim nos determos à análise da personificação do rio na história tema da obra. Para isso, utilizamos como base os pensamentos de FARES (2013) e LOUREIRO (2015), os quais teorizam sobre a representatividade das águas na cultura amazônica, e sobre a cultura amazônica do imaginário.

**Palavras-chave:** Amazônia. Literatura. Cultura ribeirinha.

**Abstract:** The scientific article aims to analyze the diversity river representation in narrative of literary work “The Children’s story who planted a river” of Daniel da Rocha Leite. This way, We make a brief route in first part of narrative, who is share in two plans, highlighting the memories of enunciator and narrator, the grandmother figure and the panorama where narrative happens; At last we direct the analyze of the personification of river on theme story of work. For this, we use with base the thought of FARES (2013) and LOUREIRO (2015), which theorize about the representativeness of waters in amazon culture, and about the amazon culture of fictional.

**Key-words:** Amazon. Literature. Riverside Culture.

## INTRODUÇÃO

A Literatura da Amazônia, em relação à literatura geral, ainda parece ser considerada como menor, de pouco expressão. Talvez isso se deva ao fato de ainda não gozar de uma ampla visualização, além se tratar da cultura de uma região pouco conhecida nos demais estados do Brasil. Além disso, também não é amplamente conhecida pelos próprios habitantes dessa vasta região. As paisagens terrestres ou fluviais com as quais a Amazônia conta são de extrema representatividade para os que com elas lidam no dia a dia, e são,

---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Letras Língua portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), Especialista em Língua portuguesa e suas Literaturas pela Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA). E-mail: [mara\\_almeidaa@hotmail.com](mailto:mara_almeidaa@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professor doutor em Educação Brasileira Infantojuvenil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), orientador do presente artigo. E-mail: [cammelomarco@gmail.com](mailto:cammelomarco@gmail.com)

também, elementos que dão vazão ao rico imaginário dessa região, o qual serve de inspiração para inúmeras produções literárias.

Além da baixa visibilidade da Literatura amazônica, há também escasso conhecimento dos autores que estão publicando títulos retratando essa cultura. O autor Daniel da Rocha Leite, por exemplo, apesar de possuir um número considerável de produções (cerca de 13 títulos publicados) e já com consideráveis premiações (Prêmio IAP /2004, 2007 e 2014; Prêmio Sesc-DF Carlos Drummond de Andrade/2007; Prêmio Mac-Dowell – Academia Paraense de Letras/2007 e 2010; Dalcídio Jurandir/2010), ainda não conta com uma quantidade significativa de pesquisas acerca de suas produções.

Com base nessa escassa difusão da cultura amazônica, mais especificamente da cultura ribeirinha, o presente artigo objetiva analisar as diversas representações do rio na narrativa tema da obra *As crianças que plantaram um rio* de Daniel da Rocha Leite, identificando de quais formas o rio se apresenta na obra; observando de que forma o elemento “água” é determinante na construção da narrativa tema da obra; e destacando os elementos que remetem à cultura ribeirinha.

A análise usou como aporte teórico os estudos de Loureiro (2015), que revelam os vários aspectos da cultura amazônica, a qual é revelada como uma cultura do imaginário. Esse autor destaca o rio como um dos elementos mais importantes da região em questão, e discorre sobre a relação do caboclo com a água. A fim de somar a essas teorias, baseamo-nos nos apontamentos de Fares (2013), os quais mostram a poeticidade das águas e seu poder no imaginário do nativo amazônida. Ambos os estudos auxiliam o desvendar das relações do homem com o rio, revelando as metáforas presentes na tessitura da obra; símbolos esses que refletem o caráter poético da cultura ribeirinha relatada em *A história das crianças que plantaram um rio*.

Para melhor entender a construção da obra, destacamos os dois planos em que ela se apresenta. No primeiro plano há o desenho do pano de fundo da narrativa, construído a partir das memórias do narrador personagem: a paisagem onde se passa a narrativa, a rotina do menino e das pessoas que ali viviam, a relação dele com a sua vó, bem como a influência que ela exerce na relação que o menino estabelece com flúmen. A partir desse segundo plano da narrativa, entendemos a importância das águas na relação ribeirinho-rio e analisamos as diversas representações/personificações do rio na narrativa de primeiro plano da obra – a qual dá nome ao livro.

## 1. O rio e a paisagem: percurso memorialista

A obra inicia situando o espaço da narrativa de maneira vaga. “A gente morava lá onde o longe tinha os pés descalços” (LEITE 2013, p.13), “a nossa casa, de tão vizinha do rio, fazia a gente se sentir como num barco ancorado em suas águas” (2013 p.13), sem definir o lugar exato em que a narrativa se passa. Além dessa indefinição, os tempos verbais utilizados (pretérito imperfeito e presente) não narram os acontecimentos da narrativa tema da obra, mas descrevem, desenham seu pano de fundo, revelando, aos poucos, a paleta de cores e impressões que o eu lírico tem gravadas dentro de si nas paredes das memórias de sua infância.

A expressão “Mergulho no rio” (2013, p.17), utilizada ainda no início da obra, é a metáfora usada para sinalizar que o narrador iniciará a sua imersão nas águas da memória, no seu rio particular de recordações. Uma vez imerso, nos puxa para seu universo de águas poéticas; e se reporta à relação de seu mundo com as águas. Como o rio não é especificado, nomeado, o narrador personagem se coloca como representante de muitos outros ribeirinhos que, como ele, estabelecem essa relação visceral com o flúmen. Ligação essa capaz de perdurar à velhice, pois o eu lírico lembra dessa cultura como se ainda estivesse nela inserido.

A montagem do cenário ribeirinho conta com a descrição das casas construídas à margem e à mercê dos rios, desenhadas na obra como “Casa-barco. Barco-casa” (2013, p.13). Com semelhante visão, Loureiro (2015, p.140) ao falar do ambiente amazônico e da relação das casas como a paisagem das águas, usa o mesmo termo utilizador pelo narrado, e descreve as casas como:

[...]simples de madeira, de duas águas, de piso elevado por causa das variações da maré, de tábuas pintadas de cores primárias, cobertas de palha. Muitas vezes, são construídas sobre troncos de madeira, na forma de casas flutuantes, adequadíssimas a variações sensíveis do nível dos rios. A casa, **casa-barco**, flutua e acompanha o deslocamento da linha das margens que, durante as enchentes são afastadas para a terra firme em até centenas de metros, em virtude do extravasamento das águas. (LOUREIRO, 2015, p.140, grifos nossos)

O curso do rio também é marcado na narrativa, mostrando a sua importância no curso da vida ribeirinha “Porque a água não marca somente as horas, as semana, os meses e os anos, mas a escassez e a fartura, a alegria e a tristeza.” (MORAIS, 1936, p.257). Temos as águas da enchente como índice de solidão para os adultos “‘tempo de gente só’ dizia a minha mãe; ‘tempo de solidão’ repetia minha avó, enquanto o meu pai conferia a altura do rio” (2013, p.23). Não só a presença, mas a “altura” do flúmen é determinante nessa relação homem-rio; o menino acompanhava a constante tarefa do pai em conferir a altura do rio, em medir o tamanho de seu vizinho, para tomar decisões.

O tamanho do rio influencia os ânimos e as decisões tomadas naquele ambiente. A esse respeito, Raimundo Morais, quando faz alusão à Amazônia como um anfiteatro, frisa o quanto importante é o volume das águas quando afirma que “É na corrente dos rios e na superfície dos lagos que se decidem nossos problemas. De maneira que o homem, em vez de consultar a marcha dos astros na decifração dos enigmas, consulta a altura das águas” (1936, p.257).

Divergente à visão dos adultos, mas ainda influenciada pela altura das águas, é a visão das crianças nesse ambiente de fartura fluvial, as quais enxergavam o rio cheio como um “tempo de felicidade” (2013, p.23). E há, ainda a visão particular do narrador-menino “Para mim, águas Grandes eram um tempo do tempo quando o rio, ele mesmo – lua e sonhos – se via mar. O rio sonhando acordado, em baixo do chão da nossa casa” (2013, p.27). Nessa conjuntura – representada pela vida do narrador personagem sem nome – o rio cumpre sua função de ditador e determina o cotidiano de todos.

Barcos e barros, farinhas e fomes, a que vinha e ia, voltava o rio sempre. Era o tempo das chuvas. Tempo delas. Tempo do rio morando com a gente. Meses depois, o rio voltava para o seu lugar, ali, ao nosso lado, vizinho de águas. O rio se arredava um pouco, voltava para o nosso quintal. Tempo se cumpria, estio chegava, o rio emagrecia. Marés de quebra, lua mofina, rio miúdo, águas de tarrafas e tarefas. Tempo tempo, água de rio. Velho tempo novo. Vinha a vida, vinham as águas mais uma vez. O rio era sempre o nosso relógio de águas. (LEITE 2013, p.19-20)

Corroborando com essa força do rio, temos a ideia de que “O miraculoso relógio da Amazônia é a água” (MORAIS, 1936, p.257), de que ela é a marcadora de um tempo próprio da natureza: plantas, folhas, peixes; e do tempo dos homens. Não apenas determinante no tempo, mas também nas relações do homem com a natureza e com o próprio homem: temos a ditadura das águas.

Quem manda aqui não é o presidente da república, não é governador, não é prefeito. Aqui domina uma ditadura absoluta e incontestável, não baseada na Constituição ou nas Forças Armadas. É um dado de fato, quem manda é a água. É a água quem dá o sustento e cria as dificuldades, consola e leva ao desespero, condiciona a saúde, o trabalho, a vida da gente: sem levantar a voz, sem violência, mas implacável e total [...] as estações do ano, aqui tem um nome exclusivo: água, lama e seca. (GALLO, 1980 *apud* FARES, 2013, p.4)

Assim, percebemos que a ditadura, a força das águas é tal, que o rio é personificado pelo narrador-menino; é imaginado como um ser capaz de pensar, sonhar e interagir racionalmente com ele. O menino sonha com o rio: com as interações, com a vida e com os sonhos do rio. Na época de enchente, quando o flúmen está perto e pode ser facilmente observado, segundo o texto e a ilustração da obra, o garoto se deita no chão, observa o rio

passar e inicia seu devaneio: “Eu ali, olhando para ele, pelas frestas do assoalho, via o rio passar toda a sua vida. Gente toda da nossa casa dormindo, eu sonhava como o rio, sonhava com suas profundezas, com seus mistérios, alturas e abismos, céu e chão, alma e lama” (2013, p.29-30). Devaneio que não termina, mas que sempre faz parte dos pensamentos e inquietações do garoto.

Um dia pensei: será que o rio também sonha comigo?  
Será que ele sonhava os meus sonhos, a minha correria em suas margens, o meu andar de menino, o seu andar de rio, a gente ali, lado a lado, sonho a sonho, correndo juntos, vivendo uma vida de menino e rio? [...]  
Será que o rio sonhava barcos como se fossem brinquedos?  
Sonhava o rio com as casas da gente como se fossem caracóis  
Em seus sonhos de rio, ele sonhava gentes como se fossem peixes, pássaros e outros bichos  
Sonhava o rio os nossos sonhos de gente e águas? (LEITE, 2013, p.32-35)

Em presença da imensidão, da beleza e da imposição do rio, a relação visceral com a água provoca no ribeirinho uma constante busca por respostas. Ele busca entender a terra, a água, a fim de com ela se relacionar; e cria, também, respostas e meios particulares de desbravar esse mundo muitas vezes obscuro. O narrador adulto, fala do rio com um encantamento nostálgico, lembrando de seus tempos de menino, e de seus sonhos de menino; mostrando que, para ele, quando menino, o flúmen tinha um brilho e um encanto diferente, com mistérios diferentes; pensamentos típicos de uma criança frente ao desconhecido. É possível assim, perceber que, embora tenham a mesma essência, adulto e criança imaginam e sonham com diferentes perspectivas do rio.

Em qualquer momento da vida, há uma entrega, uma rendição do homem à beleza e grandiosidade amazônica; estabelecendo uma relação estetizante com o meio. Outrossim, para Loureiro (2015, p.84), “Percebe-se nas relações estetizantes com o real da Amazônia que há um maravilhamento do homem, o que é próprio de quem está diante de algo que é imenso e diante do qual a pequenez do homem se evidencia”. É diante dessa grandeza, beleza e imponência das águas amazônicas que todos, de crianças a velhos, estabelecem sua identidade com aquele mundo, e fazem dele parte de si: “A identificação com a paisagem propicia uma natural aderência física e moral à terra. Conseqüentemente, a paisagem complementa a personalidade atendendo às íntimas necessidades do indivíduo” (2015, p.148).

A necessidade de entender a natureza para garantir a sobrevivência é um traço marcante da cultura ribeirinha; a beleza e o mistério da natureza amazônica juntam-se à necessidade de pertencimento a uma terra, da criação de raízes, do estabelecimento de um lar, e essa junção constitui o forte laço que o ribeirinho ata com o mundo das águas. Elo

facilmente identificável nas palavras e metáforas construídas pelo narrador personagem, que revelam o seu envolvimento com a água do rio, mesmo não vivendo mais nesse mundo, nesse barco-casa.

## 2. A figura da avó

Em meio a essa relação do homem com a água, dos mistérios procedentes da grandiosidade dos rios e da Amazônia como todo, temos a construção do imaginário como respostas que satisfazem perguntas inquietantes; e a memória como forma de preservação de tradições e identidades. A exemplo disso, há na obra a presença da avó do narrador personagem – a qual também não é nomeada – como uma guardadora de memórias e conhecedora dos mistérios do lugar. É ela quem ensina o garoto a se relacionar com o rio, a ouvi-lo, preservá-lo, cuidá-lo:

No final de uma tarde, a minha avó quis me ensinar a conversar com o rio.  
Estávamos ali, sentados, lado a lado, na beira do trapiche, vendo o rio passar. Bem baixinho, com aqueles seus olhos de vó, ela me disse, quase em sussurro, que o rio queria conversar com a gente.  
- Consegues ouvir o rio, meu filho? (LEITE, 2013, p.40-42)

As histórias narradas pela avó sábia, conectam o neto à terra, à água, à cultura ribeirinha; criam nele a paixão por aquele ambiente; ensinam a ele como se relacionar o rio, a amar o rio, a imaginar-se amigo ou até parte do rio. A sabedoria que vem da avó demonstra a vida de quem aprendeu a entender e se relacionar com aquelas águas; revela a quantidade de conhecimento que aquele ambiente amazônico pode proporcionar; e revela, ainda, as belíssimas histórias e as possibilidades imaginativas que aquele volume e beleza de água transbordam, apenas por estarem lá, indo e vindo, se relacionando com o homem.

Ao dissertar sobre a poética do imaginário, João de Jesus Paes Loureiro (2015, p.85) tece as relações do nativo amazônico com a natureza, e expõe as impressões que o amazônida tem de suas descobertas e trocas com o meio. Assim, nos diz que

Revelando uma afetividade cósmica, o homem promove a conversão estetizante da realidade em signos, por meio dos labores do dia a dia, do diálogo com as marés, do companheirismo com as estrelas, da solidariedade dos ventos que impulsionam as velas, da paciente amizade dos rios. (LOUREIRO, 2015, p.85)

A figura da avó é de importância tal que apenas ela aparece como personagem de destaque, além do garoto. Apesar de citar outras personagens e vozes, só a da avó ganha destaque. Além disso, o narrador personagem, já adulto, sempre se remete a ela como imensa

saudade e carinho. É a avó a grande responsável pelo amor que o menino tem pelo rio; e é ela quem conta a história que, entre tantas, ganhou destaque na memória dele.

Outro ponto importante a ser ressaltado na tessitura da obra é a construção da narrativa em dois planos. O primeiro plano é responsável por desenvolver as ações das narrativas – no caso da obra, é responsável por conta a história das crianças que plantaram um rio –, e o segundo comenta, revela traços psicológicos que contribuem para um desenho do pano de fundo da narrativa de primeira planificação – na obra é o caminho com digressões e memórias até chegar na história tema. O uso dos verbos é um importante recurso para demarcar os planos narrativos: o pretérito perfeito marca o primeiro; o pretérito imperfeito e o presente marcam o segundo. A esse respeito, podemos citar os estudos de Yves Reuter (2007, p.99), que demonstram essas características de construção em uma narrativa:

O passado perfeito é, pois frequentemente empregado para os acontecimentos principais da história, aqueles que fazem a ação progredir, aqueles aos quais cumpre esclarecê-la. [...] Eles [os verbos no passado perfeito] se destacam assim do plano secundário, constituída pelas proposições presentes em um verbo no imperfeito, que participam da compreensão, mas de fato não fazem a história avançar. Nesse pano de fundo encontram-se essencialmente circunstâncias secundárias, descrições e comentários do autor. [REUTER, 2007, p.99]

Além disso, vale acrescentar que tanto a figura do rio quanto a da avó são elementos que fazem parte da construção da segunda planificação, a fim de tecer o pano de fundo para a narrativa tema da obra: o rio é – mais que a terra – o lugar e o elemento da natureza mais importante no ambiente ribeirinho, e o lugar onde se passa a narrativa tema; e a avó é quem repassa, oralmente, o caso das crianças responsáveis pelo renascimento do rio, da fonte de vida ribeirinha.

### **3. *A história das crianças que plantaram um rio: as várias facetas do rio.***

Na segunda parte do livro – e primeira planificação da obra – temos o desenvolvimento da narrativa no pretérito perfeito, ou seja, no primeiro plano narrativo. Toda a construção feita anteriormente faz parte das digressões e rememorações do narrador personagem; o qual encaminha a narração da história tema para a voz da avó. O narrador não a reconta com suas palavras, mas sede espaço para a sua avó; rememorando, assim, não só a sua narrativa, mas a sua performance: palavras, entonações, vocativos e os sentimentos da ancestre.

A histórias das crianças que vêm de todos os lugares do mundo para salvar o rio morto, segundo o narrador, sempre ressurgem em sua memória. Mesmo na idade adulta e em

outro ambiente – provavelmente de terra, não de água – o encantamento herdado da avó ainda está presente nele, pois quando lê em um jornal a notícia de que um rio está morrendo, recorre a esse conto e se questiona “Por onde será que andam as crianças de minha avó?” (2013, p.81).

A partir de um noticiário, que para muitos pode ser banal, é despertado no homem lembranças de um mundo singular. Ao se perguntar sobre as crianças de sua avó, questiona se ainda existe a beleza daquele mundo em que viveu, o qual sua vó parecia dona, senhora; parece-lhe que a esperança se foi com sua avó, com as crianças que pertenciam à história dela. Junto com as crianças, parece-lhe que foi a esperança de renascimento de todo aquele rio que morre. Será que essas crianças ainda existem? Se existem, por que não aparecem? O que precisa acontecer para que elas ressurgam e cumpram o papel de sementeiras?

Com base nesse questionamento, na pergunta feita pelo narrador, percebemos que os meninos citados na narrativa de primeiro plano representam para ele a esperança de renascimento, de ressuscitação de rios. A figura da criança é citada na lenda, pois simboliza renovação, nascimento. Vemos, então, o depósito de confiança em seres míticos, não na ciência, mas no imaginário, que remete à sabedoria popular, da mesma forma que já afirmava CUNHA, 1999 p.4 *apud* FARES, 2012, p3-4 “Parece que ali a impotência dos problemas implica o discurso vagaroso das análises: as induções avantajam-se demasiados os lances da fantasia. As verdades desfecham em hipérboles”. Tal afirmação leva à conclusão explicitada por FARES (2013, p3-4): “A partir dessa construção, reafirmo a teoria de não ser possível analisar o território amazônico, descartando as explicações sobrenaturais”.

Diante da magnitude das águas amazônicas, tem-se a necessidade de descobrir suas origens, de saber como um rio pode ser tão caudaloso. Se no país dos Andes o rio Amazonas apresenta-se parcimonioso, assim não acontece na Amazônia brasileira. Aqui a quantidade das águas é assustadora. Como explicar a existência desse rio tão grande e cheio de ramificações? Como explicar a dependência que o homem da região tem desse rio? E como entender a vastíssima cultura criada em torno do flúmen? Ora, de que outra forma pode se dar essa compreensão por esse povo, muitas vezes isolado, senão pela explicação mítica?

O tamanho e a vastidão da Amazônia trazem a sensação de desconhecimento. O tamanho e quantidade de vida que essa região guarda ainda não é plenamente conhecida. É um lugar essencialmente misterioso e cheio de possibilidades. O rio é um dos mais importantes desses elementos, ele constitui “uma realidade labiríntica e assume uma importância fisiográfica e humana excepcionais” (LOUREIRO, 2015, p.135); e por isso não é tratado como um elemento qualquer na obra, mas como um ser, que, como qualquer outro ser

natural, tem um nascimento; e por ser especialmente misteriosos, possui um nascimento mítico, cheio de metáforas.

Na história tema, por exemplo, o flúmen não nasce, mas renasce. Não é explorada a primeira existência do rio, é dito apenas que ele foi levado. A narrativa foca no renascimento, que é em si um ato sobrenatural, elemento comum em lendas, mitos e crenças. Dessa forma, percebemos a falta de referência ao rio primeiro, há apenas uma referência pressuposta de que ele existia quando é dito que “levaram o rio embora” (2013, p.67), sem ser dito quem leva esse rio – se foi outra figura mítica ou se ele se foi por meios naturais – ou quando ele nasceu/morreu; cita-se apenas que foram ladrões que o levaram.

O início da história contada pela avó se dá a partir do momento em que o flúmen vai embora, e foca no seu renascimento, no momento em que volta a estar ali, vivendo e impondo a sua vida ao povo que a sua volta reside. Percebemos, assim, que esse elemento tão importante na vida dos ribeirinhos não podia ter qualquer nascimento, e esse nascimento não podia ser narrado de qualquer forma. Então, se não há um belo nascimento a contar, conta-se seu renascimento, de forma bela, maravilhosa e cercada de seres encantados.

No artigo *Imagens poéticas das águas amazônicas*, ao falar das infinitudes das águas e de sua representação na construção da imagem e cultura amazônica, Fares (2013, p.2) discorre acerca da primordialidade da água na vida humana: relembra desde os conceitos de Tales de Mileto, a importância biológica da água, até a simbologia de purificação que ela representa no dilúvio e nas cerimônias religiosas de batismo. Nesse sentido, expõe:

A água é a origem de todas as coisas, assegura Tales, o primeiro filósofo, metaforiza a erotização primordial: a água da concepção, onde o Sêmen que origina a vida; a água maternal do ventre, onde o homem mergulha pela primeira vez, e o alimento primeiro (água láctea) elementos propiciadores das sensações de segurança e proteção, que estabelecem uma relação entre o mundo interior e o mundo exterior (FARES, 2013, p.2)

Temos, então, a simbologia do rio como elemento criador. É o rio quem cria a vida ribeirinha, ele é o pai/a mãe de todo o povo que por ele vive cercado. Na metáfora da plantação de um rio percebemos claramente que a sua ausência causa um sofrimento tão grande que é preciso que ele renasça, pois é ele quem dá vida, que é a fonte de vida daquela comunidade.

Desde estudos mais antigos, as águas amazônicas são consideradas míticas, encantadas. Raimundo Morais na obra *Anfiteatro Amazônico* publicada em 1936 já atentava para essa qualidade das águas, quando exclama: “Maravilhosa clepsidra! Não registas apenas o instante fugidio, passageiro, que escapa de minuto em minuto, mas a própria eternidade,

encantada no mistério cósmico do espaço e do tempo.” (1936, p.259) A ode ao rio – tanto nos estudos geográficos e culturais quanto na literatura – é o reconhecimento e gratidão ao ser gerador daquele povo, por isso que passa a ser, na obra, um elemento mítico.

Percebemos, ainda, que, pela quantidade de águas, e de regras que ela impõe, o flúmen é um ser independente, não apenas um conjunto de líquido, mas um ser com vida própria, plantado por nada menos que crianças do mundo todo. As crianças são quem o replantam, são as heroínas dele, pois elas são o símbolo de renovação, de pureza; elas vêm do mundo todo, pois um rio não é um elemento individual, de um povo só, o rio é de todos que por ele navegam.

Ao tratar da cultura amazônica, Loureiro (2015, p.84) afirma que o olhar o índio e o caboclo fazem um mesmo percurso ao se deparar com os elementos da terra, citando mitos indígena e o folclore amazônico como exemplos para defender que “Na cosmologia indígena, quando os mitos se reportam à criação do mundo amazônico, na verdade, estão se referindo à criação ‘do mundo’, à criação do planeta Terra”. Ou seja, na história contada pela avó, não é simplesmente um flúmen que foi levado embora e depois precisou ser replantado, trata-se d’O rio; daquele que é o rio do mundo, representante das águas do mundo. Por essa razão é necessário que crianças do mundo inteiro, como um povo só, venham replantar essas águas.

Plantação essa que tem como semente a água da chuva: o encontro das duas águas, fluviais e pluviais, as quais constituem as águas da cultura amazônica. Nessa região temos um dos lugares em que mais chove no mundo; temos as águas celestes também como relógio, como ditadora de costumes; por esse motivo, é a chuva que vai ser a semente do rio.

Na narrativa tema da obra em questão, ao chegarem no leito do rio – cama vazia, onde a sombra do rio descansava –, as crianças cantam para que a chuva venha. Quando se apresenta, a chuva é magra, fina, despreziosa; mas, após o sinal dos meninos e meninas, os quais estendem suas mãos para guardá-la, ela vem com força, como se tivesse respondendo ao chamado, como se estivesse esperando que aqueles seres mágicos a detivesse nas mãos e a utilizasse para recriar a vida.

[...] Elas vieram. Olharam para o céu e cantaram uma canção.

Lá, bem longe, um trovão tremeu o telhado do céu. Das nuvens noturnas, daquelas que a gente pouco vê, começou a cair uma chuva bem fraquinha, uma chuva fininha, magrela, que parecia não ter forças bastante para cair, aqui, na nossa terra. Relâmpagos em silêncio acenderam a escuridão da noite. As crianças, todas juntas, abriram as mãos. A chuva, enfim, veio viva. Chuva caindo, chuva prateada de estrelas, caindo dentro da palma da mão daqueles meninos e meninas de todo o mundo. (LEITE, 2013, p.69)

Antes dos garotos e garotas começarem a guardar sementes de chuva nas mãos, ela era apenas uma chuva tímida, como um choro de lágrimas tristes, mas, diante do símbolo de renovação, a chuva ganha força e, também como um elemento mítico, se doa como alimento da sombra do rio, a fim de revivê-lo. O líquido-semente não podia ser outro, afinal “As águas podem originar-se de fontes celestes ou terrestres. As águas da chuva fertilizam e fecundam a terra” (Fares, 2013, p.2). Nesse interim as águas são claramente personificadas. O rio ele tem cama, lugar onde dormir (o leito); tem sombra; tem alma, a qual fica escondida depois de levarem suas águas. A chuva é semente; é amiga – do rio, pois quer replantá-lo; e das crianças, pois ajuda e atende ao seu chamado –, é magra, é forte.

Outro aspecto interessante a ser observado é a forma da comunicação entre a chuva e as crianças – semente e plantadores. A interação entre eles se dá sem palavras faladas, mas é estabelecida pelo canto e pela luz. A canção entoada pelos garotos e garotas, bem como o gesto de estender as mãos para receber a água celeste, chama a chuva, que responde – também sem palavras – com um relâmpago e com o aumento do volume de águas, se transformando em uma calma tempestade.

É perceptível a diferença estabelecida na descrição do ambiente antes e depois da chegada dos heróis. Antes do salvamento do flúmen, o ambiente é triste, o povo está melancólico; a paisagem, que antes era lugar de grandes águas, é como com uma cama vazia e é visitada por um “vento que tinha arame farpado por dentro” (2013, p.67). O vento, também personificado, parece estar revoltado com a ausência do rio.

No mar, o vento é um fator climático que contribui para a criação das ondas; no rio, embora não sejam formadas ondas tão forte ou maiores que as do mar, ele balança as águas, facilita ou atrapalha as travessias a barcos feitas pelos ribeirinhos. O vento brinca de balançar as águas; mas com a ausência do flúmen, ele não mais pode brincar de balançá-las. Sua tristeza é tão grande que a própria existência é dolorosa, com arame farpado por dentro, compartilhando com todos que com ele têm contato o tamanho de sua dor.

Imagem oposta a essa tem-se após o renascimento do flúmen. Após a sua ressurreição, o rio traz vida a todos: à sua cama, à sua sombra, ao ambiente, à paisagem, ao vento e ao povo. Descreve-se, portanto, outro ambiente, no qual reina a esperança e a felicidade; volta a aparecer a palavra “vida”; tornando-o um rio que perdura, que não acabará novamente.

Quando o rio nasceu, meu filho, o rio estava aqui, vizinho da gente, **respirando** lá fora, perto da nossa casa, junto da gente.  
O nosso velho rio novo. **Vivo, correndo** as suas palavras e silêncios.  
O nosso rio, meu filho, as nossas histórias... (LEITE, 2013, p.75, grifos nossos)

Na descrição da vida com o “velho rio novo”, usa-se palavras que personificam o rio: “respirando”, “vivo”, “correndo”. Essa personificação é construída de forma diferente à da chuva. O uso da prosopopeia na narração da interação plantador-semente é sutil, pois as crianças fazem as ações principais, contando com a ajuda mágica da chuva, que responde com ações ligadas a fenômenos naturais: garoa, trovões, tempestade. Já com o rio, a personificação é mais intensa, pois as ações humanas são diretamente atribuídas a ele, sendo ele um ser animado, e independente do homem.

Ainda observando o campo do imaginário amazônico, é interessante perceber que todos os fatos da narrativa tema se passam à noite. Desde a contação da história até os fatos nela ocorridos. Antes de iniciar a história tema – narrada pela voz da avó, por meio das lembranças do narrador personagem –, o neto pede à avó que conte histórias de dia para ele, mas ela responde negativamente, pois “[...]história é sonho, meu filho. História é noite.” (2013, p.61).

Do mesmo modo, não só a transmissão da lenda se passa à chegada da lua, mas os próprios fatos da história contada: roubam o rio pela parte da noite, “Houve uma noite, meu filho, que levaram o rio embora” (2013, p.67); é ainda na noite que as crianças de todo o mundo aparecem, “Na tarde de uma noite, nas margens do vazio do rio [...] apareceram umas crianças” (2013, p.69); e nos últimos instantes dessa noite o replantaram “[...] O dia ainda era noite quando as crianças guardaram a chuva dentro da palma das mãos. O sol estava nascendo quando elas foram até o lugar onde ficava a sombra do rio” (2013, p.70).

A história das crianças que plantaram um rio se encerra no renascimento do flúmen e na descrição da satisfação do povo com esse renascimento. Já o fim da obra *A história das crianças que plantaram um rio* é construído com o questionamento do paradeiro das crianças plantadoras, como se o autor estivesse, assim como a avó vez com ele, lançando o mítico para o leitor/ouvinte, convidando-o a questionar-se sobre aquelas crianças, sobre a esperança no rio, sobre a esperança na própria vida, uma vez que o rio representa uma vida. O autor não finaliza com respostas, mas com perguntas; com o compartilhamento de suas dúvidas e “maravilhamentos” com a figura do rio, e com o imaginário que surge ao entorno do flúmen.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Explorando diversos aspectos de uma cultura tão particular, a narrativa tema da obra em questão se apresenta como uma representação das crenças, da rotina e da paisagem ribeirinha, mesclando e realidade e o sonho; mostrando, dessa forma, a linha tênue que divide

o sonho e a realidade. De maneira memorialista, a construção da obra revela a cultura do imaginário defendida por Loureiro (2015), tão presente na tradição desse povo ainda desconhecido, que têm em seus costumes uma poeticidade incrível; e que utiliza da estética de da paisagem pela qual é rodeado como ambientação de suas vidas e sonhos.

Evidencia-se, assim, ao longo do primeiro e do segundo plano narrativo, várias facetas do rio: é um ditador, é um amigo/companheiro, é a própria vida, é a alegria de um povo, é uma criança que brinca e sonha, é terra a ser cultivada, e é uma pessoa. A água, a memória, a dependência do rio são elementos presentes na cultura ribeirinha, sendo a água – pluvial ou fluvial – o mais representativo deles. Ditadora e acolhedora, as águas amazônicas fazem-se presente e impõem-se como elemento fundamental dos costumes dessa região. Além disso, revelam a riqueza da cultura, do folclore, da geração de vida e renda, de matéria prima (física e literária) que ela tem a oferecer.

Embora pouco visível, a literatura amazônica tem muita expressividade. De acordo com Loureiro (2015), ela contribui para a literatura nacional com o seu rico imaginário; e deve, portanto ter tanta visibilidade as demais produções brasileiras. Não para estigmatizar, mas para levar a beleza de um lugar tão desconhecido, obras como *A história das crianças que plantaram um rio* devem ser amplamente difundidas, a fim de tornar público o que ainda é tão particular.

## REFERÊNCIAS

- FARES, Josebel Akel. *Imagens poéticas das águas amazônicas*. IN: FARES, Josebel Akel; CAMELO; Marco Antônio da Costa; SILVA, Maria das Graças; AMARAL, Paulo Murilo Guerreiro (orgs). *Sociedade e saberes na Amazônia*. Belém, Eduepa, 2013.
- LEITE, Daniel da Rocha. *A história das crianças que plantaram um rio*. Ilustrações de Marciste Costa. Belém: Ponto Press, 2013.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário* 4.ed. Belém: Cultural Brasil, 2015.
- MORAIS, Raimundo. *Anfiteatro Amazônico*. 2ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1936.
- REUTER, Yves. *A análise da narrativa: texto, a ficção e a narração*. 2ªed. Trad. Mario Pontes. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007

Artigo recebido em: 23/06/2017  
Artigo aceito em: 20/07/2017